

SEM MILHÕES NÃO HÁ INVESTIGAÇÕES

-sustentou o prof. José Tribolet, nas Jornadas de Investigação Científica e Tecnológica

por José António Cerejo

É uma verdadeira tempestade aquilo que está a acontecer no Forum Picoas. Desde segunda-feira, a comunidade científica portuguesa está a proceder, a um ritmo alucinante, à inventariação das realidades e à discussão dos grandes objectivos de todas as áreas da investigação científica e tecnológica nacional. Para espanto dos menos atentos, as realidades são muitas vezes a imagem perfeita do sucesso e, sempre, o espelho de dificuldades quase inacreditáveis.

A escassez de recursos humanos e materiais é quase que um refrão em todas as intervenções que centenas de investigadores têm vindo a proferir desde o início das Jornadas de Investigação Científica e Tecnológica, que amanhã se encerram em Lisboa. A tal ponto que José Manuel Tribolet, catedrático do IST, falando num debate sobre «Universidade, indústria e inovação» propôs uma palavra de ordem para os meios científicos: «sem milhões não há investigações».

Citando um exemplo daquilo que é um mau serviço prestado ao desenvolvimento científico e económico do país, o Comandante Pires de Matos, da Empresa de Investigação e Desenvolvimento (EID, grupo Centrel), referiu a aquisição das três fragatas para a marinha de guerra portuguesa, em cujo valor global apenas um por cento corresponde a incorporação nacional.

Falando sobre o mesmo tema, o antigo ministro da Educação Vítor Crespo frisou que «é preciso fazer mais gastos públicos, privados e cooperativos na investigação». Um outro interveniente no debate lançou um desafio que representa simultaneamente uma acusação à falta de apoios oficiais e ao divórcio existente entre o mundo empresarial e o trabalho dos investigadores portugueses: «exponham publicamente os produtos e protótipos que foram desenvolvidos e ficaram na gaveta».

Das ciências sociais à imunologia

Apesar do inusitado e excepcional apoio que a Junta

Nacional de Investigação Científica e Tecnológica está a proporcionar ao trabalho dos jornalistas, a verdade é que o volume e a riqueza da informação que está a ser produzido nestas jornadas não deixa qualquer hipótese de tratamento diário que não seja a mera apresentação de algumas imagens soltas de que ali se está a passar.

Feita esta ressalva, diga-se, por exemplo, que nas sessões de ontem foi discutida a situação e o futuro da investigação nacional nas áreas da microelectrónica, robótica e informática, ciências agrárias, investigação científica e tecnológica e desenvolvimento regional, matemáticas aplicadas, plasma e fusão, investigação em saúde pública, imunologia e genética molecular, recursos naturais renováveis/alimentação, acústica, física das altas energias, investigação em ciências sociais.

Sobre algumas destas áreas, e começando pelo fim, aqui ficam algumas ideias sublinhadas pelos coordenadores dos trabalhos de cada um daqueles domínios.

Ciências sociais: constata-se que existe uma grande interdisciplinaridade entre os trabalhos em curso nas diferentes subáreas das ciências sociais, mas que é diminuta a transdisciplinaridade, em relação a outras ciências. Está por fazer a inventariação das grandes prioridades nacionais na investigação em ciências sociais, sendo certo que há domínios, como o da política, onde, talvez por razões do foro da psicologia individual e colectiva, muito pouco tem sido feito. Curiosamente está para ser publicado um estudo de sociologia política portuguesa,

elaborado essencialmente por portugueses, mas será dado à estampa em Espanha.

Outro facto importante: está para breve a publicação do primeiro trabalho de análise sociológica sobre a integração dos retornados na sociedade portuguesa.

Acústica: há aspectos desta ciência que estão muito pouco desenvolvidos no nosso país e impõe-se o aprofundamento da sua investigação, nalguns casos até por razões ligadas à defesa nacional. Exemplo: acústica marinha, no que ela se relaciona com as comunicações. Regista-se uma significativa descordância de trabalhos e recomenda-se a criação de um Instituto de Acústica. Uma verificação que dá que pensar: a surdez é uma das doenças profissionais que maior crescimento tem acusado.

Física das altas energias: trata-se de uma área com grande impacto no desenvolvimento de outras ciências e que precede necessariamente os avanços da física experimental. Excelentes resultados na investigação da física das altas energias, no âmbito da adesão portuguesa ao CERN (Organização Europeia de Pesquisa Nuclear). Incompreensíveis dificuldades «em coisas tão pequeninas como o espaço disponível para o trabalho dos investigadores».

Saúde pública: Enormes carências no domínio da virologia, onde os investigadores se contam «pelos dedos de uma mão», e onde é urgente investir. Necessidade de dotar os centros de saúde com tecnologia moderna que «ultrapasse a imagem tradicional do consultório limitado à marquete e ao aparelho de medir a tensão».

Microelectrónica e informática: uma das áreas com mais sucesso e com resultados mais visíveis. Também uma daquelas em que as carências e a falta de apoios estatais e de ligação à indústria mais se faz sentir. Muitos projectos e protótipos na gaveta por ausência de iniciativas de industrialização. Existência de uma importan-

te massa crítica e de equipas de grande mérito, internacionalmente reconhecido, mas prevalência de uma realidade que é a de o número de especialistas ser «altamente insatisfatório». Urgência de intensificar a formação de doutorados e mestrados, que «estupidamente» deixaram de ser formados no estrangeiro, como aconteceu na década de 70. Proposta de um programa mobilizador da investigação nesta área que exige 12 milhões de contos em cinco anos. O que se pede para este ano, 1,2 milhões de contos representa apenas 0,25% do orçamento das empresas públicas que se movem no sector. Obrigatoriedade de explorar correctamente as possibilidades de financiamentos comunitários e de incentivar a criação de empresas especializadas nesta área.

Imunologia: um sector extremamente avançado, segundo o presidente da INICT, Mariano Gago, e com alguns especialistas que figuram entre os mais destacados a nível mundial. Reflete-se neste momento sobre as opções estratégicas de desenvolvimento da investigação, que são características de um estádio de grande avanço. A investigação da Sida é um dos domínios em que se trabalha activamente, e com resultados conhecidos, nesta área.

Plasmas de fusão: sector ainda embrionário a nível europeu, mas em que Portugal já participa instenamente. Esperança de chegar a uma energia nuclear «limpa e com combustíveis inesgotáveis». A actual energia nuclear é para esquecer.

Investigação e desenvolvimento regional: a inovação e o desenvolvimento científico não são uma «bola mágica» e não podem só por si superar todos os bloqueamentos da sociedade portuguesa. «Para que a inovação seja de facto uma «movida» e não apenas o delírio de alguns e poucos é necessário criar «redes» e mecanismos de ligação entre aqueles que são capazes e os que têm meios para fazer coisas».

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Investigação Científica - Jornadas